



A Plataformização da Mídia Alternativa¹

The Platformization of Alternative Media

Gabriéli Leiria Padilha

Palavras-chave: Mídia alternativa; Plataformização; Mídia e Processos Sociais.

Esse resumo tem como objetivo propor uma reflexão teórica sobre os efeitos da plataformização para a mídia alternativa. A mídia alternativa tem buscado dominar as novas práticas das plataformas, como o *hacking*, o uso da apropriação da tecnologia para a disseminação de um discurso coletivo, a partir das novas formas de uso das plataformas e suas dinâmicas. Esses fenômenos comunicacionais derivam de uma midiatização profunda (Girardi, 2020) e da midiatização enquanto um processo de mudanças sociais, culturais e comunicacionais (Hepp, 2014). A mídia alternativa no ambiente das plataformas se estabelece a partir do seu discurso, independente de qual plataforma adota ou se apropria. As plataformas são apenas ferramentas e espaços para uma emancipação informativa contra uma hegemonia e um ambiente comunicacional diverso e complexo.

A ausência da comunicação pode ser descrita como uma forma de solidão. O temor da solidão, na contemporaneidade, fora ressignificado para uma outra dimensão: estar conectado e inserido no ecossistema midiático. As trocas de interações, sentimentos e emoções são condicionados por telas, softwares e compactados em plataformas. Novas dinâmicas sociais são inseridas e redefinidas, uma plataforma projetada para a visualização de vídeos de entretenimento, pode tornar-se um ambiente próspero de circulação e propagação de narrativas e acontecimentos midiáticos. Tudo dependerá dos sujeitos envolvidos e quais suas decisões enquanto enunciados dessa



realidade midiaticizada e plataformizada. Nesse ecossistema midiático, como conseguir ocupar de maneira efetiva esses espaços e com quais práticas? A primeira angulação de investigação parece ser justamente olhar para quem conquista o protagonismo. Uma mídia para alçar seu poder informacional precisa além das práticas discursivas, dominar as plataformas, seus recursos e potencialidades.

. Sua inserção parte na busca de amenizar a solidez de um indivíduo carente diante da predominância discursiva, em sua dimensão antagonista (Hissa, 2021). Com a inserção desses modelos comunicacionais, outras iniciativas da mesma linha editorial passaram adotar o mesmo formato de produção, surgindo uma emergência de veículos de mídia alternativa no País, a Mídia Ninja foi pioneira no incentivo a produção de uma cobertura midiática colaborativo e participativa a partir dos uso dos smartphones.

Para compreender melhor como esse contexto se materializa, precisamos retomar para uma abordagem teórica que parece ser a mais adequada para analisar esses fenômenos, a midiaticização. Para Hjarvard (2014), ao se fazer questionamentos sobre os usos e os efeitos dos meios de comunicação, é necessário refletir sobre os contextos com que resultaram em uma cultura e sociedade midiaticizadas. A midiaticização é a fonte condutora dessas mudanças sociais, de mídia, de comunicação e cultural (HEPP, 2014). Na perspectiva de Hjarvard, a midiaticização é uma agente de mudança cultural e social, a partir da influência da mídia,“(...) parte do tecido da sociedade e da cultura, é uma instituição independente que se interpõe entre outras instituições culturais e sociais e coordena sua interação mútua (2012, p.55)”. Para Braga (2014), a cultura comunicacional da sociedade é marcada pela influência da mídia nas práticas sociais. Já Hepp (2014), observa que as investigações que movem os estudos de midiaticização direcionam-se para a inter-relação entre as mudanças comunicacionais midiáticas e as transformações socioculturais.

Hjarvard (2012), teoriza que a midiaticização se refere às processualidades influenciadas e dependentes da mídia, a partir de elementos centrais de atividades



sociais ou culturais. Braga (2014), enfatiza que “a mídia pode exercer influência em uma variedade de domínios institucionais, mas o resultado dessa influência pode ser variado devido à intersecção da mídia com outras lógicas” (2014, p.17). As lógicas podem ser lógicas de processos sociais, que vão dar conta de determinados padrões sociais em diversos níveis institucionais, de ordem econômica, política e tecnológica. Lógicas de mídia: processos com base nas práticas sociais através dos meios de comunicação e o uso internacional da tecnologia. Braga (2014) aponta ainda que, lógicas de midiatização correspondem então a algo muito mais diversificado, menos globalmente apreensível, mais plural - e certamente menos conhecido - do que lógicas da mídias (2014, p.26)”. A inspeção das complexidades contemporâneas da comunicação e da sociedade, ao mesmo tempo que consegue ampliar esses espaços de interações: a circulação e a ampliação da informação, ao atravessar campos sociais por meio de processos interacionais midiatizados.

A abordagem de Couldry e Hepp (2018), compreende a midiatização em três ondas sucessivas: ondas da mecanização, onda da eletrificação e onda da digitalização e a quarta recente – onda da dataficação –. Os dois últimos estágios são as fases mais profundas, a inserção orgânica de uma multiplicidade de mídias nos processos sociais, “uma maneira de capturar as múltiplas relações com o ambiente geral de mídia que caracteriza a vida cotidiana em tempo de midiatização profunda” (Couldry, Hepp, 2018, p.24). A midiatização como “uma série de ondas” é o complemento natural da compreensão dos meios de comunicação e da mudança social como uma sequência linear de meios de comunicação e dos seus efeitos” (Scolari, 2021, p.94).

Para Girardi (2021), o que estamos vivenciando trata-se da integração entre a terceira e quarta onda de midiatização, superamos a mecanização, a eletroeletrônica e estamos na cruzada da digital para a quarta fase. Esse quarto estágio se configura midiaticamente centralizado em processos de digitalização, dataficação e convergência entre os processos culturais e as lógicas de plataformização. A mídia alternativa acaba



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

se potencializando ao adentrar na lógica de um arcabouço tecnológico (Girardi, 2021), o uso das tecnicidades para dominar os meios de produção, de circulação e consumo. Isso só foi possível pela rápida expansão do uso de dispositivos móveis com a integração de plataformas de transmissão ao vivo e a mobilidade. O fluxo de produção de informação nas plataformas digitais se potencializou a partir do uso de recursos tecnológicos.

Nesse fluxo há muitas forças dispersantes, como os casos de desinformação. Para conseguir sair à frente é preciso dominar as novas práticas, como o *hacking*, apropriação da tecnologia para disseminação de discursos coletivos. Mais precisamente a prática de hackear a plataforma para novas formas de usos. Isso é uma consequência do uso e apropriação das tecnologias, das lógicas das plataformas e principalmente do entendimento de uma complexa cultura de algoritmos e dados (Girardi, 2020).

A mídia alternativa surge como uma questão emergente contra uma estrutura hegemônica e um silenciamento informacional. Para Spivak (2010), o silenciamento nesse ponto pode ser originário de uma questão de “supor um “sujeito subalterno irrepresentável que possa saber e falar por si mesmo”. A mídia alternativa constitui seu discurso com base na construção de uma informação mais plural e democrática. O surgimento de novos viés, além das coberturas midiáticas da grande mídia, se insere como uma possibilidade para a prática descentralizada do jornalismo digital, socialmente preocupado e independente de questões políticas e mercadológicas (Sarmiento, 2019). Essa descentralização torna a mídia alternativa um ato político, desviante dos padrões jornalísticos e capaz de provocar rupturas nos modelos consolidados.

A mídiatização profunda corrobora para o fortalecimento da plataformização da sociedade, a relação entre as plataformas online e estruturas sociais (Van Dijck, 2013). Estabelece-se uma reorganização das práticas culturais por meio das plataformas, suas práticas são moldadas pelas dimensões institucionais de uma plataforma (Poell; Nieborg; Van Dijck, 2020). D’ Andrea (2020) define como plataformas online, “adoção



Anais de Resumos Expandidos

VI Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

de uma arquitetura computacional baseada na conectividade e no intercâmbio de dados (D'Andrea, 2020, p.13).” A inserção das plataformas afetou dimensões econômicas e tecnológicas, as infraestruturas de redes arquitetadas modificaram os mais diversos setores sociais, como transporte público, educação, e principalmente a mídia.

D'Andrea (2020) aponta que é preciso ir além da ideia rasa de “impacto tecnológico”, procurar visualizar como os recursos das plataformas “moldam as práticas e as percepções dos usuários, quanto às apropriações criativas, táticas e coletivas que recriam, cotidianamente, as plataformas (2020, p.14)”. E são justamente essas práticas consequentes da plataformização, citadas pelo autor, as quais a mídia alternativa tem se baseado para tentar colocar suas narrativas discursivas em primeiro plano no cenário comunicacional.

Para Mintz (2019), a plataformização é um fenômeno convergente à midiatização, um meta-processo de moldagem social pela mídia. Trata-se de um processo que não se limita ao domínio da web em particular, mas se estende a diversos setores econômicos e práticas sociais que passariam a ser mediadas pelas plataformas.

A mídia alternativa se estabelece como tal a partir do seu discurso, independente de qual plataforma adota ou se apropria, as plataformas são apenas ferramentas e espaços para uma emancipação informativa. O caso das manifestações de Junho de 2013, reafirmou a importância e expandiu um modelo de jornalismo alternativo, que expressasse a força de uma produção noticioso que trazia novos ângulos do acontecimento. Outro exemplo é a presença do viés alternativo na cobertura de eventos sociopolíticos importantes para o País, como as eleições presidenciais. Os veículos alternativos foram importante frente a luta contra a desinformação e o compartilhamento de notícias falsas, e os novos fenômenos problemáticos, a exemplo da desmediatização (Han, 2017; 2018), impulsionada por ideologias movidas pelas paixões, e a criação de mitos baseado em um discursos de oposição do nós/eles.



Na visão de Han, as narrativas sedimentadas contra-hegemônicas precisam conquistar seu espaço para deter dessa desmediação, que tem fortalecido as narrativas de vínculo libidinal da massa com a mídia, “elas circunscrevem apenas os seus próprios grupos de afinidade e, assim, ficaram fora do campo de batalha ideológico legitimado pela classe detentora dos meios de comunicação (p.55, 2021)”. A prática de *hacking* (Girardi, 2020) é um dos efeitos positivos da mediação profunda no âmbito das plataformas para reverter esse cenário, consegue romper com a projeção inicial das plataformas de fins comerciais, a mídia alternativa assume uma posição combativa para furar a bolha informacional, ao dar novas formas de usos para as plataformas utilizadas em suas coberturas midiáticas.

Com isso, pode-se considerar que essas questões são pertinentes à reflexão, ao observar a presença da mídia alternativa nas plataformas por meio das práticas de hackeamento de usos, propicia novas formas de usos e apropriações, enquanto efeitos da mediação, constituem a mídia alternativa e contribuem para sua representação e inserção no cenário comunicacional midiático.

Referências

BRAGA, J. L. **Lógicas da mídia, lógicas da mediação?** In: FAUSTO NETO, A., R.

ANSELMINO, N.; GINDIN, I. L. (Eds.). **Relatos de investigaciones sobre mediaciones** (pp.15-32). Rosario: UNR, 2015.



Anais de Resumos Expandidos
VI Seminário Internacional de Pesquisas
em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **The mediated construction of reality**. John Wiley & Sons, 2018.

D'ANDREA, C. F. de B. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EdUFBa, 2020.

GIRARDI JR., L. **Miatização Profunda, Plataformas e Logjects**. E-Compós, v. 24, p.1–20, 2021. [https://doi.org/10.30962/ec.2287/Arquivo 150347](https://doi.org/10.30962/ec.2287/Arquivo%20150347).

HEPP, A. As configurações comunicativas de mundos miatizados: pesquisa da miatização na era da “mediação de tudo”. **MATRIZES**, v. 8, n. 1, p. 45-64, 2014. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p45-64>

HISSA, D. L. A. Desmiatização, infodemia e fake news na cultura digital. **SCRIPTA**, v. 25, n. 54, p. 40-67, 2021

HJARVARD, Stig. Miatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 5, n. 2, p. 53-91, 2012.

_____. Miatização: conceituando a mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 8, n. 1, p. 21-44, 2014.

MINTZ, A. G. Miatização e plataformização: aproximações. **Novos Olhares**, v.8, n.2, p.98-109. DOI: 10.11606/issn.2238-7714.no.2019.150347.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. **Revista Fronteiras**, v. 22, n. 1, 2020.

SARMENTO, C. Framing the News from Peripheral Angles: An Expansion of News Agenda. *In: Alternative News Reporting in Brazil*. Palgrave Studies in Journalism



Anais de Resumos Expandidos
VI Seminário Internacional de Pesquisas
em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 6 (2024)

and the Global South. (pp.113-146). London: Palgrave Macmillan, 2023.
https://doi.org/10.1007/978-3-031-26999-8_5

SCOLARI, C. Beyond the theoretical conversations on the origins of mediatizations: a post-disciplinary exchange. *In*: C. SCOLARI, J.; RDORIGUEZ-AMAT; J. L.

FERNANDEZ (Eds.). **Mediatization theory: Between Europe and Latin-America.** (pp. 87-103). Chicago: Digital Books, 2021.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

VAN DIJCK, J. **The Culture of Connectivity.** New York: Oxford Press, 2013